

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Hora do acordo

Depois do movimento do presidente Lula chamando Marta Suplicy para sair do MDB e voltar ao PT para ser vice de Guilherme Boulos, os partidos temem que a legenda deixe mais aliados pelo caminho na hora de compor alianças. Em São Paulo, o MDB sabe que é adversário do PT e não vai levar essa briga para o plano nacional. Mas há quem diga que é chegado o momento de estabelecer uma espécie de ajustamento de conduta em outros locais para não comprometer a parceria no Congresso.

O que eles temem

Dia desses, o ex-presidente do PT José Genoíno, que era mais moderado, disse numa live do site Opera Mundi que considera “um erro” o partido apoiar a reeleição de Eduardo Paes no Rio de Janeiro. Ele defendeu uma chapa com o PSol. “Não é o momento de paz e amor, é de disputa política. Temos que projetar líderes e fortalecer alianças à esquerda. O aliancismo faz mal à esquerda”, comentou.

É só o começo

O que Genoíno diz de público é repetido por ministros de Lula nos bastidores. Muitos desconfiam de aliados como o MDB, que, no passado, apoiou o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Por MP não vai

A negociação desta segunda-feira sobre a medida provisória que restabelece a oneração da folha de pagamentos, ainda que de forma escalonada, vai deixar claro que os senadores não querem saber de rediscutir esse tema. A ordem é buscar outras fontes e por projeto de lei.

MDB em chamas

A saída do ex-deputado Hildo Rocha (MDB-MA) do cargo de secretário executivo do Ministério das Cidades e toda a sua equipe irritou o clã do ex-presidente José Sarney e opôs os sarneyzistas ao grupo do senador Jader Barbalho, dois grandes segmentos da legenda. Ninguém do MDB do Maranhão foi avisado da exoneração de Hildo, nem o próprio. O presidente nacional do partido, Baleia Rossi, que está nos Estados Unidos, também não foi comunicado. Os sarneyzistas não gostaram da forma como o ministro Jader Filho afastou o secretário: sem a menor consideração de avisar o ex-presidente ou Baleia Rossi. A desconsideração levou, inclusive, a deputada Roseana Sarney a avisar, na tarde de ontem, aos amigos que não iria tirar licença do mandato para Hildo assumir. A saída dela por um período é algo que está sendo cogitado por parte do MDB para tentar amenizar a situação.

Ao fim do dia, porém, surgiu uma carta datada de 11 de janeiro, em que Hildo pede para sair da secretaria. Mas não explica os motivos. É o MDB governista tentando resolver suas diferenças para não insuflar aqueles que desejam o rompimento do partido com o governo. Afinal, a lista de problemas entre as duas agremiações só aumenta. A carta amenizou, mas não resolveu.

Hildo havia sido indicado pelo presidente do MDB, Baleia Rossi, e pelo MDB do Maranhão. Aos poucos, foi ganhando espaço. Seu último vídeo como secretário foi sobre a construção de três mil casas do Minha Casa/Minha Vida em São Luís (MA). Desta vez, avisam os emedebistas, a culpa não foi do PT. Lula atendeu um pedido de seu ministro, que, segundo relatos, discutira com o secretário. Agora, caberá ao MDB tentar resolver os seus problemas internos (**leia mais na nota “férias do barulho” nesta coluna**).



CURTIDAS

Bolsonaro na pré-campanha/ Discretamente, o ex-presidente Jair Bolsonaro tem circulado pelas cidades do Rio de Janeiro e registrado esses movimentos. Ontem, estava em Angra.

Marina Ramos/Câmara dos Deputados



Férias do barulho/ O presidente do MDB, Baleia Rossi (**foto**), tirou uns dias de folga, mas está difícil descansar. Primeiro, foi o presidente Lula, chamando Ibaneis Rocha de conivente com o quebra-quebra de 8 de janeiro. Depois, Marta Suplicy saiu da prefeitura de São Paulo para virar parceira de chapa de Guilherme Boulos em São Paulo, num movimento orquestrado por Lula.

Caiu na real/ O MDB sabe hoje que Lula não planeja romper com a polarização política, contrariando o que havia prometido na campanha, em especial, quando recebeu o apoio de Simone Tebet, hoje ministra do Planejamento.

Vocês que se entendam/ O PSol já tem uma resposta pronta para a ideia do deputado estadual Eduardo Suplicy de concorrer a uma prévia para ser candidato a vice na chapa com Guilherme Boulos a prefeito de São Paulo: isso é um problema do PT.

PODER

Os fatores que uniram PSol e PT

O impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e a chegada de Bolsonaro ao poder levaram os dois partidos a se alinharem

» EVANDRO ÉBOLI

A tendência de ratificação da chapa de Guilherme Boulos com Marta Suplicy vai confirmar também o momento de maior aproximação entre o PSol e o PT, relação que nem sempre foi de troca de simpatias. Próximo de completar 20 anos de fundação, em junho, o PSol é fruto de uma dissidência do PT. Foi formado nesse seu primórdio por petistas expulsos da legenda, em 2003, e de outros parlamentares que deixaram o partido de Luiz Inácio Lula da Silva por conta própria, em 2005, no estouro do mensalão. O momento atual registra uma inédita ligação entre os partidos. Dois indicadores: pela primeira vez, em 2022, o PSol deixou de lançar candidato próprio à Presidência da República — teve quatro postulantes entre 2006 e 2018 — para apoiar Lula e, também novidade, o partido ocupa cargos os escalões do governo federal. A ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, é uma deputada federal eleita pelo PSol, em São Paulo.

A presidente nacional do partido, Paula Coradi, tem esse entendimento, de que a ligação entre as duas legendas nunca foi de tanta proximidade. A dirigente atribui essa relação atual a dois fatores, que são o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, e o “advento” de Jair Bolsonaro. “No processo do impeachment, vimos uma movimentação da direita para tirar a Dilma do poder, por um motivo, para nós, que se caracterizou como um golpe. E o Michel Temer (substituto da petista) impôs uma agenda diferente da vitoriosa na eleição”, destacou, ao **Correio**. “A partir daí, nos mobilizamos, e a

ligação com o PT se tornou mais forte com a chegada do Bolsonaro ao poder.”

Paula Coradi acrescentou: “A extrema direita se tornou nosso principal adversário político. Não lançamos candidato à Presidência para apoiar Lula, e, fato inédito, somos pela primeira vez base de algum governo. É preciso muita unidade para derrotar a ultradireita”.

Elogios

A dirigente participa hoje da reunião entre Boulos e Marta. Ela elogia a gestão da ex-petista quando prefeita da capital paulista, entre 2001 a 2005, e diz ser preciso juntar todas as forças para derrotar o bolsonarismo na cidade, representado, na opinião dela, por Ricardo Nunes, atual prefeito, que pertence ao MDB.

Coradi afirma que o PSol não vai interferir na escolha do PT para compor a chapa com Boulos. “Esse acordo foi bem costurado internamente e será cumprido integralmente. A escolha do PT será respeitada”, disse.

No seu oitavo mandato de deputado federal, Ivan Valente (PSol-SP) entende igualmente que os partidos estão mais unidos nos últimos anos, dado o avanço da extrema direita no país, que despontou com Bolsonaro.

“No geral, sim, é o momento de maior proximidade. Em especial a partir de 2020, por causa do enfrentamento contra a extrema direita bolsonarista, que facilitou alianças”, frisou. “Mas não é generalizada. Veja o caso do Rio de Janeiro. Mas o PSol é base do governo Lula, mantendo sua autonomia e independência”, sustentou ele, que é muito próximo de Lula.

O deputado esteve ao lado do hoje presidente, em cima do

Governo do Estado de São Paulo



Marta Suplicy deve retornar ao PT para ser vice na chapa do PSol à Prefeitura de São Paulo



A extrema direita se tornou nosso principal adversário político. Não lançamos candidato à Presidência para apoiar Lula, e, fato inédito, somos pela primeira vez base de algum governo”

Paula Coradi, presidente nacional do PSol

carro de som, quando Lula discursou antes de se entregar para ser preso pela Polícia Federal, em São Bernardo do Campo, em abril de 2018.

O caso do Rio, de fato, aponta possível divergência entre os dois. O PSol não abre mão de ter candidato próprio e já escolheu até o nome do deputado federal Tarcísio Motta para concorrer contra a tentativa de reeleição de Eduardo Paes (PSD). Paula Coradi ressaltou que não há qualquer chance de o partido abrir mão dessa candidatura. “Não temos possibilidade de apoiar o Paes. Fica difícil para o PSol”, comentou a presidente do partido.

Nesta semana foi anunciado que a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, vai se filiar ao PT para ser vice na chapa de Paes. Anielle é irmã de Marielle Franco, vereadora do PSol assassinada no Rio, em março de 2018.

No centro dessa situação, Tarcísio Motta enalteceu a aproximação entre PSol e PT. Ele disse que a relação se intensificou a partir do segundo turno da disputa presidencial de 2018, entre Bolsonaro e Fernando Haddad, do PT.

“Enfrentar o bolsonarismo em todos os espaços é uma tarefa que aproxima os dois partidos. Em São Paulo, a conjuntura política aponta para a

» Encontro entre Boulos e Marta

Um almoço, hoje, vai reunir a ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy e o deputado federal Guilherme Boulos (PSol-SP) pela primeira vez desde o amadurecimento da aliança. O presidente Lula também estará em São Paulo, mas a presença dele no encontro não foi confirmada. Marta e o marido, Márcio Toledo, receberam Boulos e a esposa, Natalia Szermeta, na residência dela no bairro Jardim Paulista. Também é esperada a presença do deputado federal Rui Falcão (PT-SP) e de sua esposa. Falcão atuou na articulação para aproximar o candidato da agora provável vice na chapa.

construção de uma frente político-partidária capaz de devolver à cidade uma perspectiva de superação das desigualdades e garantia de direitos que Erundina, Marta, Haddad representaram no passado. E Boulos e Marta certamente vão resgatar a partir do próximo ano”, enfatizou Motta, citando os três ex-prefeitos desse espectro político.

O deputado tem a expectativa de que essa aliança entre os dois partidos ocorra em várias outras localidades.

“No Rio e Janeiro, estamos chamando a unidade com PT, PCDoB, PDT e PSB, justamente por acreditar na força desse projeto”, afirmou.